

## MURAIAS DA CRÍTICA: CONTROLE SOCIAL, COTIDIANO E SENSIBILIDADES NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DO RECIFE (1979-1982)

Thiago Nunes Soares

Mestrando em História – UFPE

thiagonsoares@hotmail.com

Em cada noção e cada ponto do itinerário pode-se estabelecer uma relação de afinidades ou de contrastes que sirva de evocação à memória.<sup>1</sup>

Tomando por base esse pensamento de Ítalo Calvino, acreditamos que a cidade é um espaço repleto de memórias. Os distintos itinerários percorridos pelos autores e leitores de pichações e grafites são espaços praticados, recordados, sentidos e interpretados de forma diferente, de acordo com cada momento e experiência vivida.

Atualmente, a presença desses registros citadinos nos espaços públicos e privados do Recife tem instigado tensos e interessantes debates. Segundo muitos proprietários de imóveis, o Estado e boa parte dos discursos jornalísticos, essas escritas são “atos de vandalismo”, “poluição visual” e “causam inúmeros prejuízos”. Já para diversos autores dessas produções gráficas, elas são “uma manifestação política”, “uma expressão artística”, “uma transgressão às normas do governo”, “uma forma de reivindicar melhorias sociais” e até mesmo um instrumento para se tornar conhecido, conforme revela Ritz<sup>2</sup>: “Eu tinha uma idéia de pichação, pixar é bonito e todo mundo vê.” (REVISTA Salve S/A, 2009, p. 7).

---

<sup>1</sup> CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. pp. 19-20.

<sup>2</sup> Ritz iniciou a sua trajetória como autor de pichações em Pernambuco, aos 15 anos; na época da entrevista tinha 19. É importante ressaltar a relevância da existência dessa revista, pois são escassas as publicações específicas acerca dos grafites e pichações. Ela foi a primeira e é a única revista sobre grafite no estado e o seu projeto foi financiado pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE).

Enquanto historiadores, partimos dessas questões do presente para a construção deste trabalho e buscaremos responder as seguintes indagações: de quais formas as pichações e os grafites foram utilizados em Recife durante o crepúsculo da ditadura civil-militar? Como se posicionou a sociedade e o governo perante essas práticas? Quais as temáticas registradas nos espaços públicos da urbe? De quais formas foram utilizados os Murais da Crítica durante a administração do prefeito Gustavo Krause? Como repercutiu a elaboração e os usos desses murais na cidade?

## GRAFITES E PICHAGÕES: REFLEXÕES

No que concerne à etimologia do grafite, este termo designa o bastonete de grafita, mineral de carbônio, utilizado para se fabricar lápis. Daí surgiu a expressão grafismo, em que essa raiz etimológica originou a palavra italiana *graffito*, tendo como plural *graffiti*. Já a língua inglesa usou *graffiti*, sem fazer distinção entre singular e plural.<sup>3</sup> Na pesquisa optamos pelo uso de grafite e pichação (em vez de pichação, que também foi recorrente nos distintos tipos de fontes históricas do regime civil-militar) como grafia, com base na norma padrão da língua portuguesa.

As pichações e os grafites são produções gráficas cujos discursos são portadores de um poder simbólico, por transgredirem leis<sup>4</sup> e as normas sociais, pelo seu efeito estético e pela visibilidade dos seus temas e símbolos. Além disso, as (re)leituras dos muros da urbe dão margem a múltiplas representações, que variarão em torno do momento histórico, do que foi representado e de cada autor e leitor dessas escritas.

No meio acadêmico são escassos os estudos sobre essas produções gráficas, não existindo um conceito único ao seu respeito. Alguns autores buscam uma origem dessas práticas. O autor de grafite Celso Gitahy defende a idéia que os primeiros grafites

---

<sup>3</sup> Ver RAMOS, Célia Maria Antonacci. **Grafite, pichação & cia**. São Paulo: Ed. Annablume, 1994. p. 13.

<sup>4</sup> Código de Urbanismo e Obras (Lei 7427/61) e Lei de Segurança Nacional (Decreto-Lei 898/69), segundo o Diário de Pernambuco de 09/03/1982 – APEJE e, atualmente pelo artigo 65 da Lei 9.605/98.

surgiram na Pré-História, “Aqueles primeiras pinturas rupestres são os primeiros exemplos de graffiti que encontramos na história da arte.” (GITAHY, 1999, p. 11).

Já os primórdios das pichações para ele advêm das “cidades antigas”, que cita o caso de Pompéia, onde há poucas décadas após o início do calendário cristão, já existiam nas paredes registros de xingamentos, anúncios, poesias, entre outras temáticas (Ibid., p. 20). Todavia, não é objetivo da nossa pesquisa a busca de uma genealogia da história das pichações e dos grafites no mundo e/ou no Brasil, pois acreditamos que:

Procurar uma tal origem é tentar reencontrar ‘o que era imediatamente’, o ‘aquilo mesmo’ de uma imagem exatamente adequada em si; é tomar por acidental todas as peripécias que puderam ter acontecido, todas as astúcias, todos os disfarces; é querer tirar todas as máscaras para desvelar enfim uma identidade primeira.<sup>5</sup>

Destarte, pensamos que traçar uma linha cronológica que busca uma origem das escritas urbanas é não levar em consideração essas considerações discutidas por Michel Foucault. Todavia, torna-se relevante destacar o período histórico, social e político que precedeu o surgimento dos Murais da Crítica para uma maior inteligibilidade da nova configuração com relação a essas produções gráficas em Recife, na década de 1980.

## DO CHUMBO AO *SPRAY*: A EMERGÊNCIA DOS MURAIIS DA CRÍTICA

A segunda metade do século XX foi marcada, sobretudo, por uma arena de disputas políticas, econômicas, sociais e culturais no período bipolar da Guerra Fria<sup>6</sup>. O comunismo tornou-se o grande inimigo do mundo capitalista e diversos países

<sup>5</sup> FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007. p. 17.

<sup>6</sup> Com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, o cenário mundial revelou-se bipolar, pela sua divisão em dois blocos antagônicos, liderados por duas superpotências. Os EUA representaram a ideologia capitalista, enquanto a URSS a socialista. Ambas buscaram conquistar e controlar territórios estratégicos, além de propagar as suas ideologias num momento repleto de intrigas, espionagens e lutas políticas. Para um maior conhecimento acerca da temática, ver: HOBBSAWM, Eric J. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

estabeleceram um regime ditatorial: Paraguai (1954-1989), Bolívia (1964-1982), Argentina (1973-1983), Chile (1973-1990), Uruguai (1973-1985) e Brasil (1964-1985).<sup>7</sup>

No caso brasileiro, o medo do comunismo e o sentimento anticomunista foram construídos de múltiplas maneiras, antes e durante o período ditatorial. O historiador Antonio Torres Montenegro<sup>8</sup>, por exemplo, analisou como se deu esse constructo no Nordeste do país, entre 1950-1964. Segundo ele, as matérias publicadas na imprensa e os cartazes que foram espalhados em diversas cidades associavam o comunismo a imagens e discursos negativos, influenciando a opinião e o comportamento dos leitores.

Assim, os militares com o apoio dos EUA, de uma grande rede de informações, vigilância e repressão e de parte significativa da sociedade que temia o avanço dos movimentos de oposição ao governo, assumem o poder com o golpe de 1964, inaugurando um período de exceção aos direitos humanos.<sup>9</sup> Analisemos a imagem 1:

---

<sup>7</sup> Sobre esses governos ditatoriais, consultar: FICO, Carlos; *Et alli.* (Orgs). **Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas.** Rio de Janeiro: FGV, 2008. D'ARAÚJO, Maria Celine; CASTRO, Celso (Orgs). **Democracia e forças armadas no Cone Sul.** Rio de Janeiro: FGV, 2000 e NAVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. **A ditadura militar argentina 1976-1983: do golpe de estado à restauração democrática.** São Paulo: EDUSP, 2007.

<sup>8</sup> MONTENEGRO, Antonio Torres. **História, metodologia, memória.** São Paulo: Contexto, 2010. pp. 151 -183.

<sup>9</sup> SILVA, Marcília Gama da. **Informação, repressão e memória: a construção do Estado de exceção no Brasil na perspectiva do DOPS-PE (1964-1985).** Tese (Doutorado em História) - CFCH, UFPE, Recife, 2007.

Gráfico 7 - Diagrama da repressão, 1968-1972

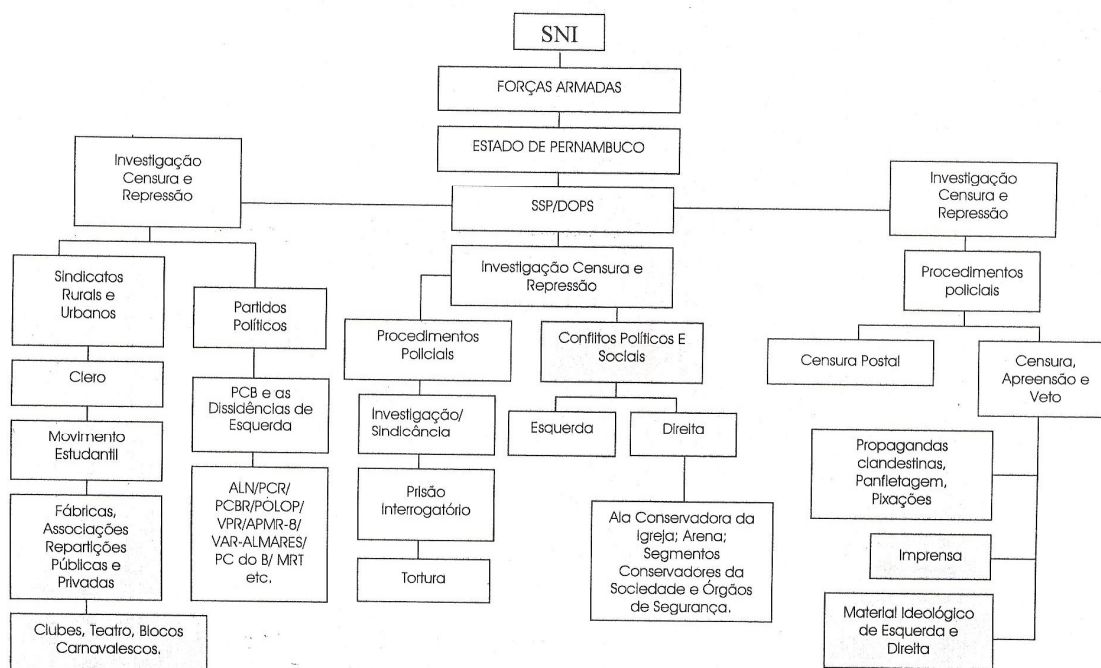


Imagem 1<sup>10</sup>

Ela é referente a um gráfico que traça o diagrama da repressão de 1968 a 1972, sob a ótica do Departamento de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE). Essa datação corresponde ao auge da repressão do regime civil-militar no país, conhecido popularmente como “anos de chumbo”. Esse documento revela a complexidade da atuação do Estado de exceção implantado pelos militares, em que o uso de pichações foi considerado uma prática “subversiva” que foi combatida.

O contato com esta documentação produzida, apreendida e difundida pela polícia política elucidou o quanto esta atividade era vigiada e o governo buscou disciplinar e reprimir os corpos dos seus autores, uma vez que a disciplina “fabrica assim corpos submissos e exercitados, ‘corpos dóceis’ ” (Foucault, 2007a, p. 119).

Por outro lado, a análise das fontes escritas juntamente com os relatos orais de memória de autores de escritas urbanas nos possibilitou perceber que apesar dessa estrutura coercitiva, a sociedade não se reduziu a ela, em suas *estratégias* e *táticas* de

<sup>10</sup> Ibid. p. 139.

resistência<sup>11</sup>, ao conseguirem realizar as suas práticas com o uso de disfarces, atuando de madrugada, em grupo e armados para se protegerem, planejando o quê, onde, quando e para quem seriam escritas as frases de efeito. Segundo Amparo Araújo, as pichações:

[...] eram bem diferentes de hoje, porque naquela época o simples fato de você pichar um muro já precisava de uma estrutura militar para dar cobertura, que era feito no caso pelos companheiros mais experientes da organização.<sup>12</sup>

Algumas das características da prática de como se pichar/grafitar continuaram ao longo de toda a ditadura e permanecem ainda hoje, como é o caso do seu planejamento, cunho transgressor, direcionamento discursivo e o prazer gerado pela adrenalina, devido ao risco do autor ser apreendido pela polícia ou pelo proprietário do imóvel.

Todavia, quando Gustavo Krause assumiu a prefeitura do Recife (1979-1982), surgiu um novo cenário de configuração política e social acerca das pichações e grafites que possibilitou a emergência dos Murais da Crítica.

Esse foi um momento de relevantes conquistas sociais, sendo fundamental nesse processo a atuação de uma geração bastante politizada, que tinha como principais objetivos o retorno da democracia no país, a luta em defesa dos direitos humanos e os protestos contra o autoritarismo e arbitrariedades dos militares.

Em 1979, foram revogados os atos institucionais e a União Nacional dos Estudantes (UNE) conseguiu se reorganizar e voltar à legalidade após muitos anos, exercendo uma importante função nas lutas pelo fim do regime civil-militar.<sup>13</sup>

Nessa mesma data, o fim do bipartidarismo ampliou as possibilidades de representatividade política e eleitoral e foi aprovada a Lei da Anistia. Esta lei

---

<sup>11</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. 1:** artes de fazer. 14ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

<sup>12</sup> Entrevista concedida ao pesquisador Thiago Nunes Soares, em 17/05/2008. Maria do Amparo Almeida Araújo foi ex-militante da Ação Libertadora Nacional (ALN) e do Movimento Estudantil, sendo uma das fundadoras do Movimento Tortura Nunca Mais de Pernambuco (MTNM-PE).

<sup>13</sup> Ver REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. (Coleção descobrindo o Brasil).

possibilitou que inúmeros exilados e sujeitos banidos pelo governo retornassem ao Brasil. No entanto, a sua primeira versão paradoxalmente “excluía os militantes da luta armada e incluía os torturadores e assassinos ligados ao regime” (Araujo, 2007, p. 345).

Nesse cenário político, as escritas urbanas foram bastante utilizadas nos espaços públicos do Recife para diversos fins e por inúmeros segmentos sociais, gerando muitos embates em torno da utilização desses espaços de poder-saber. De um modo geral, essas produções gráficas eram vistas como um entrave social, pelo seu cunho “subversivo”, pelo efeito estético e pelos “onerosos prejuízos causados ao patrimônio”.

Assim, surgiram os primeiros Murais da Crítica, em Recife, no ano de 1980. Analisemos como foi anunciada a sua inauguração, qual o discurso da proposta de Gustavo Krause e como essa idéia foi recebida por um jornal local:

O Prefeito Gustavo Krause inaugura, hoje, no Recife, o ‘Mural da Crítica’ – uma tentativa de concentrar os graffiti urbanos e canalizar a crítica dentro do processo de abertura política, na tentativa de deixar mais limpos os muros da cidade. É uma iniciativa inteligente, e ousada, que vai dar muito o que falar. Uma das características do espírito recifense é justamente a crítica irônica e satírica. O mural - ou murais espalhados pela URB em vários cantos da cidade, inicialmente na Avenida Agamenon Magalhães – vai se prestar inclusive ao aparecimento (ou revelação) de alguns poetas, desses que gostam de fazer quadrinhas e remetê-las aos amigos. Vai dar samba esse mural.<sup>14</sup>

A atitude do prefeito foi bem recebida pelo periódico, vista como inteligente e ousada. Nesse processo de mudanças políticas, tornou-se relevante buscar canalizar a crítica ao governo e higienizar os espaços públicos de uma cidade que pretendia se modernizar, pois as escritas urbanas nos muros não combinavam com este projeto, pelas temáticas registradas, pelo efeito estético e pelos gastos gerados para a manutenção desses locais. Os murais foram construídos em espaços de grande visibilidade e houve toda uma expectativa ao se pensar como a população poderia utilizá-lo.

Outro dado revelado em outras matérias, é que esse político encaminhou fotógrafos para registrar constantemente as temáticas discutidas pelos recifenses nos

<sup>14</sup> Diário de Pernambuco, 26/02/1980. Acervo do APEJE.

murais. Segundo Krause, a partir do contato com essas fotografias, ele poderia conhecer melhor os pleitos da população. Analisemos a imagem 2:



**Imagem 2**<sup>15</sup>

A partir dela, o leitor poderá conhecer a estrutura física de um dos murais. Nele co-existem dois tipos de produções gráficas em um mesmo local, a pichação “ESTA CIDADE FEDE” que traz à tona uma reflexão sobre o problema da higienização da cidade; temática presente em outras reportagens desse período. Há também um grafite cujos traços representam um homem em posição de observação/diálogo com essa frase; as suas narinas estão sob um traço (talvez a parte de cima de um muro) que pode estar

---

<sup>15</sup> Acervo do Museu da Cidade do Recife, 1980, fotografia nº 14529. Fotógrafo Narciso Lins.

protegendo a sua respiração do fedor dos espaços públicos da urbe.<sup>16</sup> De acordo com Julio Cavani:

Na década de 1980, inscrições como “Recifede” e ‘ET was here’ eram clichês entre os pichadores menos criativos, que imitavam uns aos outros, sem tanta preocupação autoral, mas movidos pelo vandalismo ou simplesmente pelo gosto da liberdade.<sup>17</sup>

Chama-nos a atenção como Julio Cavani nesta edição da revista que tem como reportagem de capa: “STREET ARTE: GRAFITEIROS INVADEM AS RUAS DO BRASIL E DO MUNDO” concebe essas pichações dos anos 1980 como clichês pouco criativos, meros atos de vandalismo ou prazer pela liberdade. É provável que o único registro dessas escritas seja a sua própria memória, que apesar das suas re-elaborações, ainda está permeada de discursos conservadores de um passado tão recente.

Quanto aos Murais da Crítica, para se ter uma noção da sua rápida expansão pela cidade, até o dia 21/03/1981, eles totalizavam 17 e ocupavam uma área de 200 m<sup>2</sup> livre.<sup>18</sup> Eles foram bastante utilizados para a elaboração de pichações e grafites por inúmeros autores e para distintas finalidades, uma vez nesses locais essas atividades eram permitidas sem penalidade. Vejamos outra imagem.

---

<sup>16</sup> É comum, ainda hoje, a existência desses dois tipos de produção urbana em um mesmo espaço. Essa situação foi um dos fatores que possibilitou alguns sujeitos confundirem o que era cada escrita da urbe durante o período pesquisado. Frequentemente as pichações e os grafites eram vistos como sinônimos.

<sup>17</sup> CAVANI, Julio. **Street Art**. Revista Continente, Recife, nº 99, março/2009. p. 15. (grifo do autor).

<sup>18</sup> Diário de Pernambuco, 21/03/1981. Acervo do APEJE.



Imagem 3<sup>19</sup>

Nela, há o registro da utilização do mural para diferentes finalidades. Como instrumento de propaganda, com a colagem de um cartaz e como expressão de liberdade, ironia e sensibilidade, com a frase: “BASEADO MEU AMOR”, que tem inúmeros sentidos: uso de drogas (o cigarro da maconha é conhecido popularmente como baseado) e expressão de sentimento, pois o amor está simbolizado pelo desenho de um coração no lugar do “O” na palavra amor, revelando a criatividade do(a) autor(a). Os jornais Diário de Pernambuco e Jornal do Commercio também nos relataram outros registros de sensibilidades expressas nos murais: anticomunismo, poesias, caso de traição conjugal etc. Analisemos a imagem seguinte:

---

<sup>19</sup> Acervo do Museu da Cidade do Recife, 1980, fotografia nº 14507. Fotógrafo Narciso Lins.

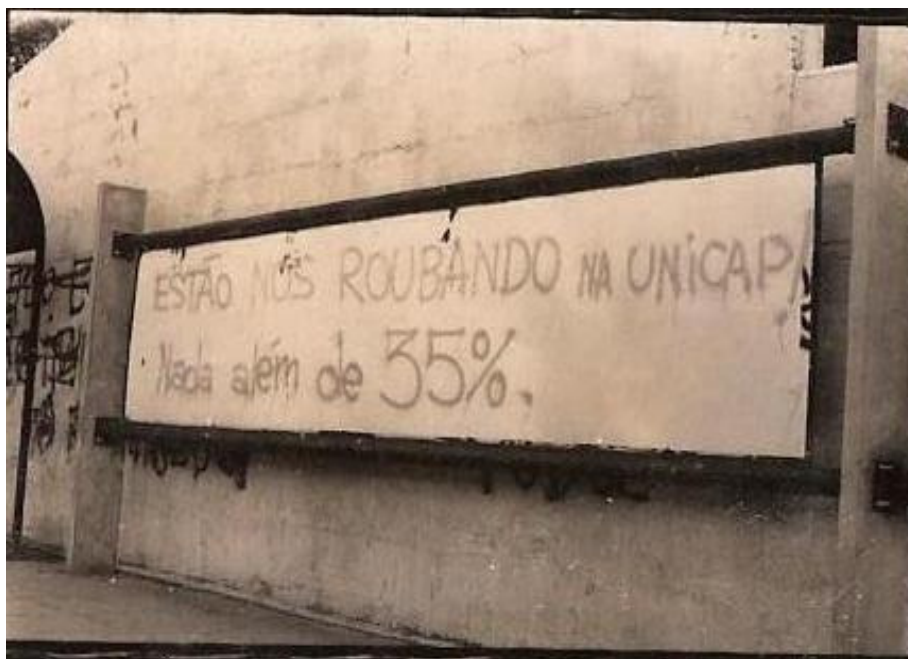


Imagem 4<sup>20</sup>

Na imagem 4 a temática retratada é concernente à luta do Movimento Estudantil de Pernambuco contra o aumento das mensalidades da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Percebe-se que acréscimo é visto por ele como um roubo e as reivindicações não se limitaram aos murais e muros, havendo inclusive, uma greve dos discentes desta instituição.<sup>21</sup> Esta imagem também é elucidativa quanto a outros aspectos das práticas dos autores de escritas da cidade, pela existência de embates por espaços de poder-saber nas paredes, uma vez que o texto de algumas pichações foram riscados por outros sujeitos.

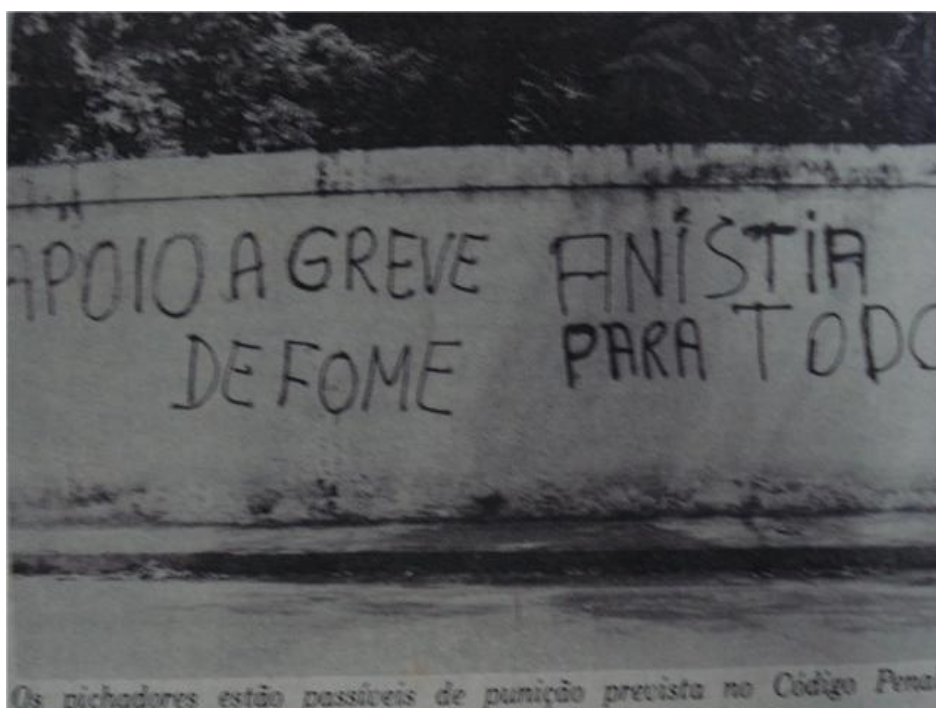
Outra questão interessante foi freqüência de pichações ao lado de murais que estavam com espaço disponível para os passantes expressarem a sua opinião. Talvez, não seja o caso do registro da imagem 4, pela existência dessas escritas por trás de um Mural da Crítica.

<sup>20</sup> Acervo do Museu da Cidade do Recife, 1980, fotografia nº 14506. Fotógrafo Narciso Lins.

<sup>21</sup> Diário de Pernambuco, 15/04/1980. Acervo do APEJE.

Em conversas com autores dessas produções gráficas da década de 1980, eles afirmaram que esses murais foram uma tentativa de “disciplinar o indisciplinado”, por isso defendemos a idéia que o governo buscou exercer um controle social sobre os corpos desses sujeitos, na medida em que houve uma (re)apropriação dessas produções gráficas para atender os seus objetivos políticos.

Conforme discorremos anteriormente, a construção dos Murais da Crítica durante o governo de Gustavo Krause não impediu o uso de pichações e grafites nos espaços públicos da capital pernambucana. Vejamos mais uma imagem:



**Imagem 5<sup>22</sup>**

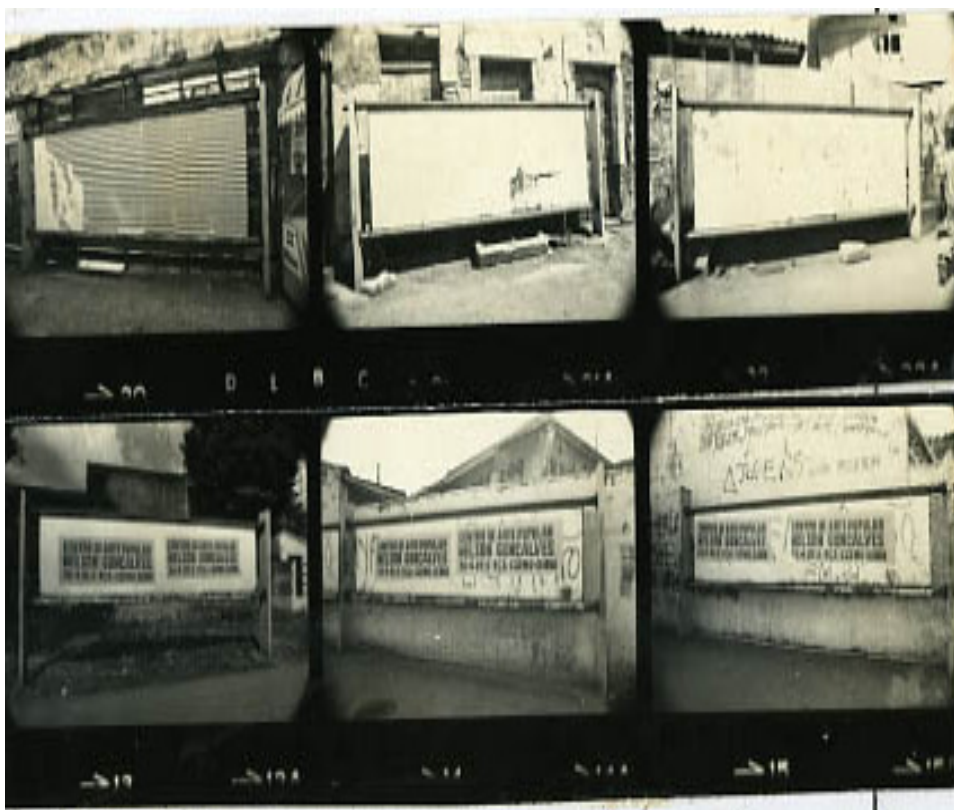
A imagem 5 revela como ainda em 1982, permaneceu a luta pela aprovação de uma lei que concedesse uma anistia ampla, geral e irrestrita para todos os que se contrapuseram ao Estado de exceção. Outra temática registrada em Recife foi o apoio à greve de fome dos presos políticos, que exigiam o fim da ditadura e denunciavam as

<sup>22</sup> Diário de Pernambuco, 09/03/1982. Acervo do APEJE.

arbitrariedades cometidas nos presídios e na sociedade. Nota-se que abaixo da fotografia, o jornal reforça numa legenda a ilegalidade das escritas urbanas, repetindo o discurso das penalidades previstas na lei.

Nessa mesma data também foi comum o uso de pichações como propaganda político-eleitoral por todos os partidos em Recife, havendo muitas discussões com relação a sua utilização nos espaços públicos e privados da cidade. O momento foi bastante propício a isso, devido à rigorosidade da Lei Falcão e à arena de disputas políticas das eleições diretas para distintos níveis, exceto para presidente do país.<sup>23</sup>

Ainda no que concerne ao uso dos Murais da Crítica, com o tempo eles passaram a ser menos utilizados. Pelo o que pudemos perceber até o momento, isso se deveu principalmente pela colagem de cartazes propagandísticos e pelo crescente desinteresse da população, conforme expressa a imagem 6:



<sup>23</sup> Para um maior aprofundamento a respeito do período histórico, ver: ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. Bauru, SP: EDUSC, 2005 e SKIDOMORE, Thomas. **Brasil: de Castello a Tancredo**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2004.

## Imagem 6<sup>24</sup>

Assim, buscamos discutir como se deu a construção e a utilização dos Murais da Crítica durante o governo do prefeito Gustavo Krause, em Recife. Acreditamos que eles serviram como um relevante registro do cotidiano e como instrumento de comunicação institucionalizado para o uso de pichações e grafites durante o período de redemocratização. No que concerne a esse período histórico, para Maria Helena Moreira Alves, no Brasil não houve:

[...] um processo de ‘transição para a democracia, mas sim uma tentativa de institucionalização de estruturas de Estado visando ampliar o apoio político e ao mesmo tempo manter o controle básico de classe.<sup>25</sup>

Esse é um dos motivos que nos faz defender a idéia que a elaboração desses murais também está atrelada a um projeto de controle social sobre os corpos dos que realizavam essas escritas, na medida em que esse político buscou retirar o seu cunho transgressor (presente na sua proibição e na forma como eram realizadas) e se (re)apropriou delas na busca de atingir os seus objetivos enquanto político.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O final da ditadura civil-militar foi marcado por um período de lutas políticas e conquistas sociais, destacando-se a busca pelo retorno da democracia no país, pelo fim das arbitrariedades cometidas pelo Estado e pela defesa dos direitos humanos. Nesse momento, surgiram os Murais da Crítica, em Recife, que serviram como um relevante

---

<sup>24</sup> Acervo do Museu da Cidade do Recife, 1980, fotografias nº 25144 a 25146 e nº 25150 a 25152, respectivamente na ordem da esquerda para a direita e de cima para baixo. Fotógrafo Narciso Lins.

<sup>25</sup> ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. Bauru, SP: EDUSC, 2005. pp. 389-390.

instrumento de comunicação institucionalizado pelo governo e como registro de uma nova configuração quanto ao uso de pichações e grafites.

A análise dessas produções gráficas nos possibilita a inteligibilidade de aspectos políticos, cotidianos e das sensibilidades dos autores dessas práticas. Assim como a busca do governo pelo controle dessas atividades, que eram vistas como um entrave social, devido aos discursos e aos impactos dessas produções gráficas no espaço urbano, que iam de encontro a leis e às normas da sociedade, além de causarem onerosos gastos ao Estado e a diversos proprietários de imóveis.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. Lutas democráticas contra a ditadura. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. **Revolução e democracia (1964-...)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (As esquerdas no Brasil; v. 3). pp. 321-353.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CAVANI, Julio. **Street Art**. Revista Continente, Recife, nº 99, março/2009. pp. 12-19.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. 1: artes de fazer**. 14ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

D'ARAÚJO, Maria Celine; CASTRO, Celso (Orgs). **Democracia e forças armadas no Cone Sul**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento das prisões.** 34ª edição. Petrópolis: Vozes, 2007a.

FICO, Carlos; *Et alli.* (Orgs). **Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas.** Rio de Janeiro: FGV, 2008.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti.** São Paulo: Brasiliense, 1999. (Coleção primeiros passos).

HOBSBAWM, Eric J. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991).** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História, metodologia, memória.** São Paulo: Contexto, 2010.

NAVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. **A ditadura militar argentina 1976-1983: do golpe de estado à restauração democrática.** São Paulo: EDUSP, 2007.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. **Grafite, pichação & cia.** São Paulo: Ed. Annablume, 1994.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. (Coleção descobrindo o Brasil).

REVISTA **Salve S/A**, Ano 1, Nº 1, Recife, 2009.

SILVA, Marcília Gama da. **Informação, repressão e memória: a construção do Estado de exceção no Brasil na perspectiva do DOPS-PE (1964-1985).** Tese (Doutorado em História) - CFCH, UFPE, Recife, 2007.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Castello a Tancredo.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2004.